

A Disseminação Silenciosa do Software Livre

Hermano Vianna

publicado no caderno Mais!, da Folha de S. Paulo, 18/04/2004, páginas 8 e 9

Dizem que a Rocinha é a maior favela da América Latina (gostaria de saber qual é a maior do mundo). Dizem que Heliópolis é maior favela de São Paulo, a segunda maior do Brasil, a segunda maior da América Latina. Acho que falam isso, pois pouca gente - a não ser os moradores - conhece Brazilândia, na Zona Norte paulistana. Fiquei impressionado quando passei a primeira vez por lá. Parece muitas Rocinhas, clonadas em muitos morros, não tão íngremes quantos os cariocas, mas colados lado a lado. Talvez eu esteja cometendo um engano e aquela área, nos mapas de urbanistas e na percepção de seus moradores, não seja considerada uma favela. Mas que parece uma favela, mesmo que com casas de alvenaria não tão amontoadas umas sobre as outras, isso parece. E que parece infinita, e muito maior que a Rocinha ou Heliópolis, disso eu não tenho dúvida.

Ultimamente, tenho conhecido muitos lugares diferentes da periferia paulistana, lugares que eu nem sabia que existiam, lugares onde a maioria de meus amigos paulistanos, acostumados com o circuito Espaço Unibanco - Ampgalaxy, nunca esteve. Fui também visitar a Cidade Tiradentes. É uma Cidade de Deus amplificada, realmente uma cidade dentro da cidade de São Paulo. Incrível como não se ouve falar nesses aglomerados humanos, como eles - mesmo tão gigantescos - não ocupam espaço nenhum no imaginário nacional, como lugares semelhantes cariocas ocupam e são notícia.

Não vou recomendar aqui a velha disputa Rio-São Paulo. Mas uma constatação é óbvia: Brazilândia, Cidade Tiradentes ou mesmo Heliópolis não conseguiram gerar, nas pessoas que ali moram, um sentimento de pertencimento como aquele que encontramos nos morros do Rio de Janeiro. Já escutei muito funk produzido na Rocinha onde o MC diz morar na "maior favela da América Latina" cheio de orgulho. Nessa trilha, o funk C.I.D.A.D.E D.E D.E.U.S, de Cidinho e Doca, é uma das mais emocionante canções de protesto da história da música brasileira, também baseada em militante ufanismo ("vá lá conhecer minha Cidade" - "êta povo valente, êta povo gigante").

Não se entra também na Mangueira, no Salgueiro, ou mesmo no Complexo do Alemão sem sentir que ali existe realmente uma comunidade orgulhosa de si mesma, com uma história de sofrimento, mas também de criatividade cultural, fenômeno que só recentemente apareceu em São Paulo mas em territórios muito específicos como o Capão Redondo, hoje referência cultural nacional por causa da música dos Racionais e da literatura do Ferréz. O resto, a não ser um ou outro lugar que tenha uma importante escola de samba, ou alguma festa mais tradicional no "pedaço", é quase sempre apenas dormitório, lugar de castigo com o qual ninguém quer estabelecer nenhum vínculo emocional ou relação de vizinhança, inferno no qual todo mundo foi despejado e de onde só se quer fugir.

Para quem é da teoria do "quanto pior melhor", a situação de São Paulo deve apresentar vantagens. Para que criar qualquer vínculo ou altivez por morar num lugar miserável? O melhor seria fazer logo a revolução para tirar todas essas favelas do mapa. Mas já que essa revolução tarda, um pouco de auto-estima bairrista, se bem usada, pode se transformar em ferramenta de melhoria de condições de vida. O fato disso não ter acontecido nos morros cariocas, e do poder público fazer o possível para entregar a mais vibrante cultura favelada para a contravenção ou para o crime (samba para bicheiros, funk para traficantes), não é prova de que não se possa ter resultados mais bacanas em outras cidades ou outras situações.

A situação realmente é outra. Fui a Brazilândia, Cidade Tiradentes e outros distantes bairros da

periferia paulistana para visitar seus telecentros, cujo objetivo é também atuar como centros comunitários. Não sei se todos os moradores de São Paulo conhecem o projeto dos telecentros. Deveriam, como dever cívico e também para aprender algumas importantes lições. Não estou de maneira nenhuma fazendo propaganda política suspeita em ano eleitoral: isso não é do meu feitio, nem do meu interesse. Os telecentros, do modo como existem em São Paulo, deveriam ser transformados num projeto suprapartidário (para termos a garantia de que não vão acabar quando os governantes mudarem), de salvação nacional, com repercussões internacionais já evidentes. Eles podem tanto produzir o orgulho comunitário e cidadão nas periferias, quanto conectar todas essas periferias entre si e com o mundo, não deixando que suas conquistas criativas sejam cooptadas por sistemas político-culturais de "fora" ou organizações criminosas de "dentro" que querem apenas tornar as periferias mais periféricas.

O telecentro é um espaço de inclusão digital. Ali a comunidade têm acesso gratuito aos computadores, incluindo cursos de computação, e à internet. São mais de 100 no município de São Paulo. Vivem lotados. Fiquei conversando com a garotada que encontrei no telecentro da Brazilândia. Uma menina de uns 11 anos chegou com as amigas, todas de shortinho, top e havaianas (o traje oficial das periferias brasileiras), querendo saber como entrava no site da Barbie. O instrutor não deu o endereço, mas mostrou para ela como o Google funciona. Muitos garotos conversavam via ICQ (um com primos do Ceará), outros jogavam games variados, outros faziam pesquisa para trabalhos escolares. Mas bisbilhotando os computadores lá do fundo descobri dois adolescentes - de 16 anos - programando em HTML: estavam fazendo páginas pessoais para mostrar para o mundo sua coleção de cards estilo Yu-Gi-Oh.

A administração dos telecentros faz bem em não proibir barbies, games e ICQ. Os pirralhos perdem o medo do computador, tratando-o como um brinquedo. Os mais interessados levam a sério a brincadeira, ficam íntimos da máquina e passam a programá-la. Não existe ferramenta mais necessária no mundo de hoje do que uma boa base de informática - se essa formação incluir programação, aí a pessoa deixa de ser apenas um consumidor passivo da alta tecnologia.

Nos telecentros de São Paulo, a programação é incentivada pois tudo ali funciona à base de software livre. As máquinas não guardam segredos, seus códigos são abertos, e quem quiser pode investigar mesmo o núcleo de seu sistema operacional. Essa abertura levou gente como Cléber Santos, 18 anos (pai pedreiro-mas-há-pouco-tempo-desempregado, mãe faxineira-salário-mínimo), frequentador no telecentro da Cidade Tiradentes (o primeiro inaugurado pela prefeitura, em 2001), a fazer vários programas - também de código aberto - com os recursos de programação que aprendeu em regime de total autodidatismo. Cléber, hoje monitor do telecentro da sua Cidade (e o fato de participar de um projeto pioneiro produziu seu orgulho de morar ali), fala com a maior normalidade do mundo do fato de conhecer e já ter trocado idéias com Richard Stallman, papa do movimento software livre em todo mundo, o principal criador desse novo conceito de liberdade.

Não me canso de admirar esta conexão direta entre a periferia mais pobre de São Paulo (os telecentros foram instalados nos lugares de piores Índices de Desenvolvimento Humano do município) com o movimento político, cultural e econômico que considero ser o de mais vanguarda e importância que acontece hoje no mundo. Qualquer outro movimento político, da anti-globalização ao sem-terra, se revela ineficiente diante das conquistas do software livre. Qualquer movimento cultural, do punk ao Luther Blissett, parece uma "doença infantil" diante da ideologia do software livre.

É uma revolução enorme, talvez tão importante quanto qualquer outra revolução da história da humanidade (por incrível que pareça, estou medindo bem minhas palavras, para não parecer exagerado), que acontece quase na surdina, sem nenhuma guilhotina. É uma revolução feita em regime colaborativo e descentralizado, sem um partido político no comando, mas com pedaços de

código em computadores diferentes espalhados pelo planeta, comandados por gente que trabalha não para ficar rica, mas querendo o bem comum - e às vezes um pouco de fama, já que ninguém é de ferro.

O negócio livre está dando certo, já ameaça a Microsoft (e nada pode estar mais no centro do poder contemporâneo do que a Microsoft), já tem como aliados outros capitalistas poderosos como a IBM (o que mostra como o capitalismo é esperto) - além da totalidade da esquerda inteligente e atenta, já modifica a nossa percepção sobre propriedade intelectual (a propriedade que importa em nossos dias), já dá outros sentidos para nossas vidas que não a busca desenfreada de lucros e desenvolvimentos insustentáveis. Mas a batalha mal começou.

É interessante perceber um consenso em vários setores do governo federal brasileiro a favor do software livre. Vi, no ano passado, em Brasília, Richard Stallman, sem paletó e muito menos gravata, ser aplaudido por uma mesa que incluía José Sarney, João Paulo Cunha, José Dirceu (trazendo os votos de boas-vindas do presidente Lula), Gilberto Gil (que na ocasião proferiu seu discurso mais psicodélico), entre outras autoridades. Stallman nunca foi recebido assim em nenhum país do mundo. E poucas pessoas tão polêmicas quanto Stallman foram recebidas com tanta reverência por qualquer governo.

Muitos projetos de disseminação de software livre pelos computadores governamentais já estão sendo colocados em prática. O Brasil vira uma espécie de farol para o movimento, de laboratório onde testes importantes podem ser aplicados - o que gera uma simpatia enorme pelo país em meios ciberesclarecidos. Mas como disse, a batalha mal começou. E a continuação da batalha que vem por aí já se anuncia bem pesada. Outro dia, o New York Times publicou um artigo bem suspeito acusando o Brasil de ser um paraíso do crime informático. Não gosto de teorias conspiratórias, mas daí para dizer que software livre incentiva ciberpirataria, e a polícia planetária baixar na nossa porta, é um pulo. Temos que nos preparar para a briga e não deixar nos enganar. Pois o que não falta no mundo é projeto de inclusão digital que tem como objetivo transformar cada vez parcelas maiores da população em clientes do Windows e seus caros upgrades.

O software livre mostra o único futuro alternativo àquele que parece óbvio e sufocante: a cada vez maior dependência de uma única empresa, a Microsoft. O conjunto de telecentros pode ser pensado como uma zona autônoma, espero que não tanto temporária. Disso a periferia paulistana pode se orgulhar: tem muito provavelmente a maior rede pública de software livre do mundo. É um projeto que está apenas começando. Mas aquela garota que entrou ali procurando o site da Barbie já meio que chama de otários todos nós que pagamos por software proprietário, ainda por cima mais instável que o GNU-Linux e suas aplicações (eu juro: são tão fáceis de usar quanto os programas para Windows com os quais já temos imposta familiaridade).

Ninguém sabe de que maneira a garotada periférica vai usar a arma cibernética livre que tem na mão para melhorar sua vida. Querendo, e os governos e empresas continuando a investir em espaços como os telecentros, podem criar a cultura ciberpopular de programação brasileira, e os "novos quilombos de Zumbi" serão digitais. Se isso acontecer, ao passar na Cidade Tiradentes, espero que totalmente ciber-reurbanizada, o brasileiro do futuro vai ficar tão ou mais orgulhoso do que quando vê a Mangueira ou a Mocidade Independente, os produtos mais nobres das favelas cariocas, entrarem no sambódromo.